

## Acessibilidade

# NORMAS DE CIVILIDADE DEMANDAM INCLUSÃO EFETIVA

Por Tatiana Tábata

**D**e acordo com o Censo IBGE 2010, existe cerca de 46 milhões de brasileiros que possuem algum tipo de inabilidade, o que corresponde a quase 24% da população total do país. A pesquisa contabiliza os que apresentam algum grau de incapacidade motora (dificuldade de caminhar ou subir escadas), física (os que sofrem de paralisia como a tetraplegia, paraplegia ou falta de algum membro motor), auditiva, visual e mental.

Quando refletimos a respeito da mobilidade dessas pessoas, ainda nos deparamos com um antigo dilema: todo cidadão tem o direito de transitar com segurança e autonomia, porém as irregularidades e obstáculos fazem com que o direito de ir e vir seja dificultado. Após inúmeras obras e reformas, é possível afirmar que o projeto para acessibilidade é uma realidade?

Somente 450 dos 30 mil quilômetros de calçadas da cidade de São Paulo são acessíveis. Caminhando despreziosamente pelas áreas urbanas, é possível encontrar várias delas quebradas, desniveladas ou esburacadas. Além da falta de manutenção, existem os que fazem questão de ser inconvenientes, estacionando inadequadamente seus veículos em vagas destinadas às pessoas com deficiência ou ao lado das rampas de acesso.

Alguns bairros de São Paulo são desprovidos de alguns recursos, como é o caso da Vila Mariana. Faltam rampas em algumas faixas de pedestres e também o piso tátil, importante para guiar o deficiente visual em sua caminhada. A quantidade considerável de floreiras inutilizadas ou danificadas é outro problema para qualquer pedestre, pois atrapalham e não cumprem a sua principal finalidade. São Bernardo do Campo sofre o mesmo dilema, em alguns trechos, as ruas e calçadas estão desniveladas e as rampas são mal inclinadas. É imprescindível dar atenção ao tipo de revestimento dos passeios, pedras escorregadias ou de miracema são mais perigosas, pois oferecem mais riscos de queda. Os pontos fracos do bairro da Liberdade são os postes instalados no meio da passagem e calçadas muito estreitas.

É importante destacar os locais que servem de modelo à diversidade efetiva, como o bairro de Moema e a Paulista, reformada em 2007. Os pisos são antiderrapantes e as faixas podotáteis são suficientes, as calçadas são espaçosas e as ruas bem niveladas. A publicitária Julie Nakayama é responsável por fiscalizar a região e alertar a população e autoridades sobre eventuais problemas que possam ocorrer. Tornou-se a “guardiã da Paulista” e exerce o papel de qualquer cidadão consciente. É essencial conservar essas obras e cobrar as que precisam ser feitas, é exercer a cidadania para um espaço mais democrático. “No mês passado fui ao Guarujá, em São Paulo, e aproveitei para verificar a acessibilidade em algumas praias. Notei que aproximadamente a cada 50 metros de região praiana há rampas de acesso que já começam

*Da realidade aos projetos que podem melhorar a qualidade de vida dos portadores de deficiência*



**Descaso da administração pública com ruas e calçadas não permite o acesso à cidade**

ao atravessar a rua. Existe também o serviço que oferece banho de mar aos cadeirantes todo final de semana. Achei esse trabalho fantástico. Pude constatar que há um plano realmente funcional”, relata Vera Garcia, amputada e administradora do blog Deficiente Ciente, que traz informações relevantes sobre a temática inclusiva.

**Mobilidade urbana** – Tivemos muitas melhorias no transporte público paulistano, quase todas as estações são acessíveis e nos metrô e trens há lugar para cadeira de rodas e cão-guia. A dificuldade maior são os ônibus que, por vezes, têm plataformas elevadoras danificadas ou os motoristas e cobradores estão despreparados para manipulá-las. “Temos consciência de que há um grande trabalho em relação à melhoria da acessibilidade nos transportes, cinemas, prédios comerciais, e por aí vai. Entretanto, o problema maior não é a barreira arquitetônica, mas sim a barreira atitudinal. Esta, na maioria das vezes, é inconsciente e de difícil reconhecimento, geralmente por parte de quem a pratica”, declara Garcia. “Ser verdadeiramente incluído na sociedade, sem preconceitos e discriminações, essa é a nossa grande e desafiadora luta”, acrescenta.

“ É MARAVILHOSO TER OUVIDOS E OLHOS NA ALMA. ISTO COMPLETA A ALEGRIA DE VIVER ”

A famosa frase da escritora e filósofa Helen Keller é inspiradora. Considerada um dos maiores exemplos de superação, passou parte da infância isolada do mundo devido à cegueira e surdez que adquiriu aos 18 meses de idade. Auxiliada pela professora Anne Sullivan, que também tinha dificuldade na visão, Keller aprendeu o alfabeto Braille e a técnica manual e, pouco depois, já vocalizava. Formou-se, conheceu outras línguas, escreveu vários livros, tornou-se jornalista. Suas várias conquistas foram fruto de muita persistência e determinação de alguém que não permitiu que qualquer impedimento limitasse a sua condição de poder fazer a diferença. À exemplo das duas, muitos voluntários lutam por igualdade, por isso, projetos admiráveis se tornaram sinônimos da inserção de pessoas excepcionais ao convívio social.

**Música para os ouvidos** – A união de sete músicos com deficiência auditiva, um cadeirante e muitos que acreditam que com esforço se obtém bons resultados, deu origem a banda **Surdodum**. Uma das vocalistas, Andréia Brito, tem surdez total. A meta do grupo é proporcionar uma integração musical entre os membros e seus ouvintes. O material produzido é resultado da troca de experiências entre os integrantes. As distinções não existem, pois os surdos não são subestimados, antes são valorizados a desenvolver seus talentos. O álbum **Na batida do silêncio** mostra toda a habilidade desses vencedores.

**Valorizando as diferenças** – Oferecer um universo de cultura e entretenimento a quem apresenta algum tipo de deficiência. Esse é o intuito da ONG **Ritmos do Coração**, com um trabalho de integração por meio do teatro, da música, da dança e visitas educativas. “Temos uma parceria com a Cia das A’artes que desenvolve um trabalho sério e comprometido em dança, sob a direção artística das coreógrafas e professoras Claudia Albanese e Flora Bitancourt Sapienza”, diz Viviane Fowler, coordenadora da ONG. “Qualquer pessoa, independente de suas condições físicas, sensoriais, intelectuais, sociais, econômicas e culturais tem

**A batida do bem** – a intenção do projeto **Alma de Batera** não é formar músicos profissionais, mas incentivar o gosto pela batida da percussão e fazer com que o portador da síndrome de Down desenvolva sensibilidade e percepção, auxiliando na coordenação motora e melhorando seu grau de relacionamento. Paul Lafontaine, professor e responsável pelo projeto, fala da dinâmica do curso e opina sobre a inclusão social:

**Contraponto** – Explique-nos o conceito do “Alma de Batera”.

**PL** – A iniciativa surgiu em 2008 e desde então já

cada um. Consciente a sociedade está, mas falta um envolvimento muito maior. Falta realmente criar vínculos.

**CP** – Pode nos relatar alguma experiência interessante que presenciou?

**PL** – Sim. Ano passado comecei com as oficinas de bateria na Biblioteca Mário Schenberg, na Lapa. Meu aluno Alex, estava indo às oficinas só para aprender bateria. Naturalmente. Ele sabia que as aulas eram voltadas para as pessoas com deficiência intelectual, porém nunca havia se relacionado com elas. No início foi difícil, mas como tínhamos atividades em conjunto, aproveitei para incentivá-lo a fazer dupla com outro menino, o William, que tinha um caso mais complexo. E fazendo essa mediação entre os dois, o Alex criou um vínculo. Pronto, era isso! Nas aulas seguintes ele me cobrava a parceria com o seu novo amigo. Despertou algo nele que ninguém tira mais, uma experiência única. Vai levar para aonde for.

**Pioneirismo na mídia inclusiva** – A ONG **Vez da Voz** é fruto da experiência da fonoaudióloga e professora de português, Cláudia Cotes, com seu irmão portador da síndrome de Down. Os preconceitos que sofreu em família a inspiraram a criar a instituição que tem por objetivo promover a inclusão social dos deficientes. “Acredito que a acessibilidade ainda é ineficaz, está longe de ser ideal, temos uma grande lacuna na área da comunicação, por exemplo. Os programas de TV e a internet deveriam se adequar a transmitir as informações às pessoas com deficiência”, observa Cotes. A iniciativa ainda conta com o primeiro telejornal inclusivo transmitido pela internet, o **Telelibras**, voltado para o público surdo e interessados em aprender a Língua Brasileira de Sinais (Libras). “Trabalhamos com uma equipe de profissionais com ou sem deficiência, além da diversidade racial entre os repórteres. Ao lado deles, tem sempre um intérprete de Libras”, conclui. Os deficientes visuais contam com o sistema de audiodescrição, uma espécie de narração das imagens que aparecem na tela durante as pausas da programação, permitindo ao ouvinte entender o que se passa numa determinada cena. E não pára por aí, a ONG ainda oferece palestras, treinamentos e apresentações artísticas.

**A vitória do paradesportismo** – O objetivo da entidade sem fins lucrativos **Águias da Cadeira de Rodas**, é promover o desenvolvimento da pessoa com deficiência física por meio do esporte, capacitando e potencializando a dinâmica dos jovens atletas, que são preparados para grandes torneios. O basquetebol em cadeira de rodas é uma modalidade que pode reunir em uma mesma equipe, pessoas com membros inferiores amputados, com lesão medular, sequelas de poliomielite. As cadeiras são adaptadas e padronizadas. “O esporte traz autonomia aos alunos. Nosso maior desafio é diário, quando viajamos para disputar campeonatos. Quadras sem acessibilidade, ônibus mal condicionados, hotéis com escadas e banheiros inadequados, assim como restaurantes e quaisquer outros estabelecimentos comerciais”, protesta João Paulo Casteleti, técnico da equipe. Para o fundador do Smel Mogi Só Vida Futebol de Amputados, Rogério Rodrigues de Almeida, a divulgação é um meio importante para conscientizar a todos. “A situação está melhorando. Aqui onde moro, em Mogi das Cruzes, quase tudo está adaptado para uma melhor mobilidade. O papel da imprensa em divulgar é essencial, não existe mais um olhar de preconceito, somos considerados especiais”, declara o artilheiro do time e portador



**Rampas de acesso, por exemplo, podem facilitar a locomoção de usuários de cadeiras de rodas**

**Longas escadarias, mesmo escadas rolantes, complicam a vida de portadores de deficiência física**



foram realizadas oficinas onde contamos com a presença de pessoas com deficiência física e visual, além da deficiência intelectual, que são a maioria. A ideia é tornar o contato com o instrumento mais acessível, independente da condição. São aulas de bateria e não musicoterapia.

**CP** – Como é a didática?

**PL** – O objetivo é trabalhar os conceitos básicos como ritmo, distinção de timbres, noção de velocidade. Todos têm esse direito de poder experimentar tocar um instrumento. O que realmente muda é a forma como é passada a informação e o tempo de aprendizagem de cada um. E saber respeitar isso é primordial.

**CP** – A acessibilidade ainda é um mito? A sociedade está mais consciente nesse quesito?

**PL** – A acessibilidade ainda vai dar muita abertura para discussão. É difícil falar de ações que atualmente estão sendo tomadas para reparar uma questão que desde o começo não foi dada a devida importância. O processo já começou errado. Hoje em dia a sociedade tem a consciência disso sim, mas na prática ainda falta muito para poder oferecer o mesmo direito a todos.

**CP** – Por exemplo?

**PL** – Muitas pessoas acreditam que doando alguma quantia em dinheiro para alguma instituição já é o suficiente. Na verdade, a questão não é somente material. Se fosse assim, todos nós doaríamos um valor e pronto, tudo estaria resolvido. O que vai mudar a forma de ver de muitas dessas pessoas será entrar em contato com essa realidade e não fugindo dela. A questão é muito mais comportamental e cultural. Envolve o preconceito de

a necessidade vital de relacionar-se e vivenciar experiências com o outro. Incluir não significa simplesmente aceitar. A real mudança é reconhecer as diferenças e atribuir a elas valor positivo, de forma a aprender e a crescer com elas”, acrescenta. Da mesma forma, a **Oficina dos Menestréis**, campanha de teatro musical que tem por objetivo incluir por meio da arte, destaca-se com o **Projeto Mix Menestréis**, voltado para deficientes visuais, auditivos e cadeirantes, que juntos, já encenaram diversas peças desde 2003.